



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## CONQUISTAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Cirleide Ribeiro dos Santos (1); Daniela Santos Landim Silva (1); Glaucia Barradas dos Santos (2); Lianne de Sousa Miranda Braga (3); Adelson Dias de Oliveira (4)

*Unidade Escolar Rosa Teixeira de Castro, e-mail: [cir.lei.di.nha@hotmail.com](mailto:cir.lei.di.nha@hotmail.com); Centro Estadual de Educação Profissional Gercílio de Castro Macêdo (CEEP), e-mail: [danielalandim.bio@gmail.com](mailto:danielalandim.bio@gmail.com); Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), e-mail: [glauciabarradas@hotmail.com](mailto:glauciabarradas@hotmail.com); Unidade Escolar Professor Cândido Ferraz, e-mail: [mirandalaianne@gmail.com](mailto:mirandalaianne@gmail.com); Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); [adelsonjovem@gmail.com](mailto:adelsonjovem@gmail.com).*

**Resumo:** O presente artigo aborda alguns pontos de reflexão entre o ideal proposto pela atual conjuntura educacional e pela nova LDB para a Educação de Jovens e Adultos e as situações reais presentes no cotidiano dessa modalidade de ensino. Tem-se como objetivo geral analisar as conquistas e desafios na educação de jovens e adultos, na rede pública municipal de São Raimundo Nonato - Piauí. Para isto fez-se necessário um estudo baseado em vivências pessoais junto a esse público e está fundamentado numa pesquisa qualitativa, exploratória, de campo e em uma pesquisa bibliográfica. O texto traz uma breve abordagem histórica a respeito dos caminhos percorridos pela Educação de Jovens e Adultos no Brasil para situar o leitor no debate. Em seguida, traça o perfil desses alunos no referido município, bem como suas especificidades, desenvolvendo uma análise em torno de algumas possibilidades de superação dos problemas e desafios encontrados nesse segmento de ensino. Não se pretende, em nenhum momento, trazer receitas ou soluções mágicas para os tantos problemas que se apresentam àqueles que fazem o dia-a-dia da EJA, mas contribuir significativamente com o debate, sem, contudo, pretender esgotá-lo.

**Palavras-chaves:** Educação de Jovens e Adultos, Práticas Pedagógicas, Formação de Professores.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade trazer minha vivência enquanto profissional da Educação da modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos, na rede pública do município de São Raimundo Nonato – Piauí, através de uma reflexão entre o ideal proposto para a nova Educação de Jovens e Adultos e as situações reais presentes no cotidiano da prática pedagógica com esse público em nosso município.

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Nesse sentido, situaremos o leitor no debate através de uma breve abordagem histórica sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, e em seguida, traçaremos o perfil ou a identidade desses alunos, discorreremos os reais problemas que existem e interferem negativamente e as consequências que os mesmos trazem, bem como os desafios que necessitam ser superados, para que essa modalidade de ensino assuma de fato a devida relevância que ela tem, junto à sociedade.

A nossa reflexão é fundamentada numa pesquisa exploratória e de campo, com abordagem qualitativa, por meio de observações oriundas da minha experiência enquanto educadora nessa modalidade de ensino, numa análise na LDB 9.394/96 e em um levantamento bibliográfico baseado em estudos realizados por alguns autores sobre a temática abordada, dentre eles, Paulo Freire, procurando desenhar novas possibilidades de atuação nesse campo, que venha proporcionar aos alunos o seu crescimento pessoal e profissional. Não se pretende, em nenhum momento, trazer receitas ou soluções mágicas para os tantos problemas que se apresentam àqueles que fazem o dia-a-dia da EJA, mas contribuir significativamente com o debate, sem, contudo, pretender esgotá-lo.

Optamos por esse tema por compreender a relevância do mesmo para a sociedade e por constituir-se um terreno fértil para a inovação prática e teórica, tendo em vista que há pouquíssimas pesquisas nessa área.

## **2 METODOLOGIA**

Quanto à abordagem trata-se de uma pesquisa qualitativa. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.70) pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Já com base em seus objetivos, a presente pesquisa é classificada como Exploratória, pois segundo Gil (2002):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descobertas de intuições (GIL, 2002, p. 41).

Em relação aos procedimentos técnicos utilizados para coleta e análise de dados, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista



que, todo estudo é realizado com base em material já elaborado por outros autores. Neste caso específico, também foi analisado o ponto de vista de alguns autores que abordam a referida temática, dentre eles, Paulo Freire, a fim de um maior aprofundamento sobre o tema em questão, assim como uma análise na LDB 9.394/96 no intuito de procurar desenhar novas possibilidades de atuação nesse campo, que venha proporcionar aos alunos o seu crescimento pessoal e profissional. Além da pesquisa bibliográfica, este estudo é fundamentado numa pesquisa de campo. Segundo Severino (2007):

*Na pesquisa de campo, o objeto/ fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (surveys), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos (SEVERINO, 2007, p. 120).*

Os dados foram coletados por meio de observações oriundas da minha experiência enquanto educadora na Educação de Jovens e Adultos, durante um período de cinco anos, em três escolas que oferecem essa modalidade de ensino, na rede pública de São Raimundo Nonato – Piauí.

### 3 RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Os determinantes das desigualdades sociais no Brasil fazem com que as pessoas, principalmente das classes populares, sejam excluídas de uma série de fatores necessários para ter uma vida digna. A falta de oportunidades e de acesso à educação é um desses fatores. Para amparar essa população, alguns projetos foram sendo implementados na sociedade brasileira, no decorrer dos tempos. Segundo Pierro, Joia e Ribeiro (2001),

*Isso só viria a ocorrer no inícios dos anos 60, quando o trabalho de Paulo Freire, passou a direcionar diversas experiências de educação de adultos organizadas por distintos atores, com graus variados de ligação com o aparato governamental. Foi o caso dos programas do Movimento de Educação de Base (MEB), do Movimento de Cultura Popular do Recife, dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, entre outras iniciativas de caráter regional ou local. [...] Professavam a necessidade de realizar uma educação de adultos, crítica e voltada à transformação social. (PIERRE; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 60).*

Com o Golpe Militar de 1964, toda essa mobilização social foi reprimida e Paulo Freire foi preso e posteriormente exilado. A campanha encerrou-se com isso e, no seu lugar surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cujo método de alfabetização de adultos era baseado em Paulo Freire, mas sem a sua parte política e ideológica. O MOBRAL foi extinto em 1985.





Contudo, a Lei 5.692/71 trouxe para aqueles que não haviam realizado ou completado na idade própria, a escolaridade obrigatória, maior flexibilidade para o acesso a escola. Prevista na letra da lei, essa flexibilidade se concretizou na possibilidade de organização do ensino em várias modalidades, dentre elas, cursos supletivos, centros de estudo e ensino a distância, cujo tempo estipulado para a conclusão de um grau de ensino é, no mínimo, a metade prevista para o sistema regular. Convém ressaltar que, além dessas modalidades, a referida lei manteve os exames supletivos, organizados pelos estados, por disciplina e sem nenhuma exigência de matrícula ou frequência a sala de aula, como mecanismo de certificação.

Mas, o direito mais amplo, à educação básica, só seria estendido aos jovens e adultos na Constituição Federal de 1988, resultante do envolvimento no processo constituinte de diversos setores progressistas que se mobilizaram em prol da ampliação dos direitos sociais e das responsabilidades do Estado no atendimento às necessidades dos grupos sociais menos favorecidos. (PIERRE; JOIA; RIBEIRO, 2000).

A nomenclatura “Supletivo” passa a ser substituída por EJA a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – (Lei 9.394/96) que estabeleceu no capítulo II, seção V a Educação de Jovens e Adultos. Diz o artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Ao ser estabelecido na LDB a EJA ganhou força e tornou-se uma política de Estado de modo que hoje o governo brasileiro investe e incentiva essa modalidade educacional como possibilidade de se elevar o índice de ensino da população, principalmente, daqueles que já mencionados nela não tiveram acesso ou possibilidade de estudos.

#### **4 O PERFIL DO ALUNO DA EJA DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PI**

Quem são essas pessoas a que se destina a Educação de Jovens e Adultos da escola pública da rede municipal em São Raimundo Nonato. Qual é a sua identidade? Qual é o seu perfil?

A partir das vivências pessoais com o referido público, trabalhando junto a eles, durante cinco anos, nas escolas aqui chamadas de A, B e C, percebe-se que a EJA é um espaço educativo diferenciado pelas particularidades de seus alunos. Segundo Jardimino e Araújo (2014):



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) como modalidade da educação básica atende a um público muito específico, que por diferentes motivos teve negado o direito à educação – seja na infância, seja na adolescência – e mais tarde retorna as instituições de ensino, buscando concluir sua escolaridade (JARDILINO E ARAÚJO, 2014, p.164).

Convém salientar que em São Raimundo Nonato esse público é composto por dois tipos de alunos: Aqueles que por diversos motivos, tiveram que abandonar os estudos na idade apropriada e que após alguns anos regressam a escola, já na fase adulta. E o outro público é composto por adolescentes de 15 a 17 anos, com defasagem série-idade, que abandonaram a Educação Básica regular, alguns por motivos que extrapolam os muros da escola, relacionados a questões sociais, tais como vulnerabilidade, trabalho e gravidez precoce. Enquanto outros têm haver diretamente com a falta de qualidade do sistema de ensino e suas consequências: Reprovação, evasão, desmotivação. Diante disso, Jardimino e Araújo (2014) dizem que,

É preciso, entretanto, conhecer os sujeitos da EJA, suas trajetórias, identificando seu perfil, suas expectativas e vivências para que eles possam ser considerados na construção de propostas e projetos que venham atender-lhes de maneira, mas próxima e específica (JARDILINO E ARAÚJO, 2014, p.164).

Sendo assim, os perfis dos alunos da EJA da rede pública municipal de São Raimundo Nonato são na maioria composto de trabalhadores, desempregados, dona de casa, idosos, jovens e alguns adolescentes de 15 a 17 anos de idade. Nota-se, que são pessoas que já formaram uma visão de mundo pelas experiências vividas e que tem suas crenças, culturas e valores já constituídos. E diferentemente das demais modalidades de ensino, são tipos humanos diversos, cheio de especificidades, com histórias, ritmos, idades e aprendizagens diferenciadas.

A maioria é adultos, cheios de responsabilidades sociais e familiares, que trabalham o dia todo e não tem tempo para estudar e com autoestima baixa. Já o público adolescente, é formado muitas vezes por usuários de drogas, mães precoces e outros que trabalham para complementar a renda familiar. Além daqueles que na idade certa não tiveram o estudo como prioridade, desistindo da educação básica e procurando a EJA para concluir os seus estudos.

Diante de todas as dificuldades expostas, percebe-se que no caminho desses alunos há muitas dificuldades. Mas são pessoas que querem recuperar o tempo perdido, e por serem cidadãos, querem se sentir, sujeitos ativos, participativos e terem a possibilidade de crescerem culturalmente, socialmente e economicamente na sociedade em que vivem.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **5 OS REAIS PROBLEMAS E OS DESAFIOS DA EJA EM SÃO RAIMUNDO NONATO – PI**

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, é necessário que a EJA assuma a função reparadora de uma realidade injusta, que não deu oportunidade nem direito a escolarização de tantas pessoas. Ela deve também contemplar o aspecto equalizador da educação, possibilitando novas inserções no mundo do trabalho e na vida social, além de desempenhar a função de qualificadora, com apelo à formação permanente, para que o educando obtenha uma formação indispensável para o exercício pleno da cidadania.

A questão que se coloca, então, é como contemplar com equidade um direito básico da cidadania, retendo sob um parâmetro comum de qualidade, necessidades formativas tão diversas?

Para que a EJA consiga de fato cumprir o papel que lhe é confiado na atual LDB, é necessário superar a concepção de que a idade adequada para aprender é a infância e a adolescência e que a função prioritária ou exclusiva da educação de pessoas jovens e adultas é a reposição de escolaridade perdida na “idade adequada”. O que hoje é concebido como educação de jovens e adultos, corresponde a aprendizagem e qualificação permanentes, não apenas suplementares, mas fundamentais e que favoreçam a emancipação desses sujeitos. Como diz Di Pierro (2005):

(...) o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural (DI PIERRO, 2005, p. 1.118).

Dessa forma, é preciso voltar ao paradigma freiriano, em sua proposta de alfabetização e pós-alfabetização de adultos conscientizadora, que preconizava com centralidade o diálogo como princípio educativo e a assunção, por parte dos educandos adultos, de seu papel de sujeitos de aprendizagem, de produção de cultura e de transformação do mundo. Partindo desse entendimento, é necessário combater de frente os reais problemas que estão presentes na rede pública municipal dessa modalidade de ensino em São Raimundo Nonato, a fim de alcançar o ideal proposto para que esse público realmente possa ter uma boa formação. Mas existem alguns entraves para o desenvolvimento de um bom trabalho, apropriado ao perfil dos alunos dessa modalidade de ensino, os quais serão discutidos a partir de agora.





## 5.1 Perspectivas das Práticas pedagógicas

O ensino da EJA precisa tratar daquilo que interessa ao aluno e faz parte do seu universo. Infelizmente nota-se a inexistência de materiais didáticos eficazes e nos livros direcionados a esse público, os conteúdos são uma adequação do ensino regular, além disso, a forma como esses conteúdos são trabalhados e repassados não despertam o interesse desse aluno e não respeita sua especificidade, pois não parte dos seus conhecimentos prévios, desmotivando-o a continuar.

Esses alunos só irão se empenhar em processos de aprendizagem que tragam para a sala de aula assuntos sobre os quais eles se interessam, ou que estejam relacionados ao seu cotidiano. Pois se sabe que na maioria das vezes, esse aluno vem cansado do trabalho ou dos afazeres do dia-a-dia e ainda existem aqueles que estão, há anos, fora da sala de aula e buscam na escola o que acham necessário ao acréscimo do seu aprendizado. A sua preocupação é saber se o conteúdo ministrado vai ou não servir para a sua vida. A singularidade do ser humano está expressa em qualquer faixa etária, mas na EJA, essas particularidades são ainda maiores.

Nessa perspectiva, o currículo tem que ser construído em cima de uma proposta de formação humana para construir pontes entre aquilo que a escola pretende e aquilo que o sujeito deseja ou espera dela. Só haverá uma experiência bem sucedida, se em primeiro lugar, a escola identificar quem são esses alunos, onde e como vivem e qual é o seu histórico de vida, reconhecendo que essas pessoas são diferentes entre si. Às vezes, os próprios materiais didáticos de ensino não se questionam sobre isso, provocando um descompasso entre o que a escola oferece e o que de fato esse aluno já sabe, do que ele gosta e em que contexto social e cultural ele está inserido. A partir do momento que se conhece o perfil desse aluno, é o momento de partir para a elaboração do planejamento. O autêntico planejamento parte da experiência, dos saberes, dos sentimentos e das necessidades dos alunos, de tal modo a mergulhar a prática escolar na prática social cotidiana de sua vida, como afirmam Jardimino e Araújo (2014),

Precisa ver as condições reais que esses sujeitos vivenciam, compreendendo os significados que eles atribuem às suas experiências de vidas incluindo as escolares, sem encobrir a realidade em que vivem e cuja compreensão auxilia na proposição de políticas públicas para o atendimento a esses cidadãos (JARDILINO; ARAÚJO, 2014, p. 175).



Dessa forma, o desafio é pensar num modelo mais flexível de escola, conectado com a vida, com currículos contextualizados, respeitando os Parâmetros Curriculares Nacionais e ressignificando o material didático, fazendo com que o aluno compreenda e interprete os conteúdos de acordo com a sua vivência e com a formação cidadã que toda educação deve prever.

## 5.2 Formação inadequada dos professores

Na rede pública do nosso município, os professores que trabalham na EJA, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Geralmente eles são formados para ministrar aulas para alunos do Ensino Fundamental e Médio, que estão na idade série corretas e acabam sendo lotados na EJA sem passar por uma formação inicial específica.

Percebe-se também, que na maioria das vezes, são profissionais que já estão em final de carreira ou que estão apenas complementando carga horária, além de encontrarmos professores ministrando disciplinas que não são da sua formação. E o problema ainda se agrava, pois não é oferecida formação continuada a esses profissionais, para os habilitarem ao exercício da função, comprometendo, dessa forma o ideal proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, pois a habilitação e formação é um requisito essencial para o desenvolvimento de um trabalho bem sucedido com esse público.

Diante desse quadro, percebemos porque existem tantas deficiências nessa modalidade de ensino, contribuindo para a evasão escolar desses educandos. Com base em minhas observações e em relatos dos próprios alunos e professores, pode ser observado que há outro fator agravante. No início de 2014, a Secretaria Municipal de Educação, anexou em um único núcleo, os alunos desse segmento, dificultando ainda mais a ação desse professor, que precisará conviver com as diferenças e particularidades, agora mais aguçadas, do referido público.

A atual conjuntura educacional exige profissionais altamente qualificados. Educadores sensíveis, inovadores, críticos e comprometidos, capazes de se colocar no lugar do outro, sentir as suas necessidades e partir para uma prática educativa transformadora, fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. Educadores em que o seu discurso é coerente, pois casa com a sua prática. Educadores que são convencidos definitivamente de que ensinar não é transferir





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, como confirma Paulo Freire (2015):

“É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”(FREIRE, 2015. p.25).

No contexto educacional atual, uma das práticas mais importantes é a do conhecimento construído, buscado pelo grupo, partilhado, na qual o educador é quem orienta o processo da aprendizagem e troca experiências com o aluno e, ao invés de pesquisar por ele, o estimula a querer saber mais, desperta a sua curiosidade sobre as questões das diversas disciplinas e encontra formas de motivá-lo e de tornar o estudo uma tarefa cada vez mais interessante, pois ele entende que o conhecimento não é linear, pelo contrário, ele se tece em redes que se tecem a partir de todas as experiências que vivemos e de todos os modos como nos inserimos no mundo à nossa volta. Sobre o conhecimento construído, OLIVEIRA (2007) diz que:

A ideia da tessitura do conhecimento em rede pressupõe, (...) que as informações às quais são submetidos os sujeitos sociais só passam a constituir conhecimento quando se enredam a outros fios já presentes nas redes de saberes de cada um, ganhando, nesse processo, um sentido próprio, não necessariamente aquele que o transmissor da informação pressupõe. Isso significa que dizer algo a alguém não provoca aprendizagem nem conhecimento, a menos que aquilo que foi dito possa entrar em conexão com os interesses, crenças, valores ou saberes daquele que escuta (OLIVEIRA, 2007).

Fica entendido, dessa forma, que para os alunos da EJA a escola deve ser um espaço de sociabilidade, de transformação social e de construção de conhecimentos. Conhecimentos sustentados na perspectiva daqueles que aprendem saberes diversos e que tenham especialmente um significado. Como esse educando já vem com uma experiência de vida, o professor deve levar em conta essa bagagem ao preparar seu planejamento e transpor os conteúdos, sempre contextualizando com o cotidiano do aluno, para que ele consiga se identificar com o contexto, formar suas conclusões e construir as sínteses necessárias para o seu novo saber. Pois ele espera aprender melhor sobre aquilo que já conhece para depois



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

elaborar o processo de aprendizagem sobre aquilo que é desconhecido, ampliando os próprios interesses e horizontes.

Diante de tudo o que aqui foi exposto, fica claro que a formação dos professores para trabalhar com esse segmento de ensino é o fator de maior impacto na qualidade do trabalho e no resultado positivo dos alunos. Por isso, o investimento em formação continuada que qualifique e atualize os conhecimentos dos docentes, é um desafio e se torna imprescindível para alcançar o sucesso do programa e diminuir os índices de evasão escolar.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil demonstra que esse segmento nunca foi contemplado com ações amplas e prioritárias por parte do poder público e que sempre funcionou sem maior interesse do ponto de vista da formulação política e da reflexão pedagógica. Apesar das muitas mudanças com importantes conquistas na Legislação educacional atual, é difícil fugir da conclusão de que essa modalidade de ensino está relegada ao segundo plano, tanto pelos governantes, quanto pela sociedade.

Mesmo sabendo da relevância social que a Educação de Jovens e Adultos tem para a população brasileira, muitos dados revelam altos índices de analfabetismo funcional e de evasão escolar em nosso país, refletindo em nossa realidade mais próxima.

Diante de tudo o que foi exposto no corpo desse presente trabalho, pode-se perceber que alguns desafios precisam ser superados e que há necessidades de avanços, para que essa modalidade de ensino em nosso município assuma a devida importância que ela tem, junto à sociedade, na contribuição de formar sujeitos livres, críticos, autônomos, abertos à mudança e capazes de intervir em processos de produção cultural que tenham alcance político.

Lutar pela permanência desses alunos na escola e oferecer um ensino de qualidade que promova aprendizagens significativas e formem alunos cidadãos é um grande desafio da EJA. Para isso, é necessário superar a ideia de que qualquer pessoa pode ensinar para jovens e adultos e investir na formação continuada dos docentes que estão presentes no dia-a-dia dessa modalidade, pois a EJA possui especificidades que requer um profissional preparado para o exercício da função. Além disso, é preciso a adequação dos currículos a realidade que esse aluno está inserido e os conteúdos escolares precisam ser compreendidos em seu significado social para que sua aprendizagem seja potencializada.

Mesmo com tantos problemas, pode-se manter otimista, pois na formação permanente do professor é necessário refletir criticamente sobre a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

sua prática. E como diz Paulo Freire, é refletindo criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática. Através de pequenas ações e mudanças, construídas coletivamente no interior das escolas, buscando tornar os fazeres e saberes mais apropriados aos objetivos que essa modalidade exige e perseverando sempre, com consciência das dificuldades que serão encontradas, mas acreditando nas possibilidades de transformação, frutos de alegria e recompensa nas pequenas e cotidianas realizações serão colhidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. LDB: **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Caderno Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a definição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. *Educação e Sociedade*, Campinas, número especial, v.26, out. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51 ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002

JARDILINO, José Rubens Lima; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de Araújo. **Educação de Jovens e Adultos sujeitos saberes e práticas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção docência em formação: Educação de jovens e adultos).

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 dez. 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. Disponível em [www.feevale.br/editora](http://www.feevale.br/editora). Acesso em Fev. 2016.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)